

Práticas pedagógicas de História da Arquitectura Contemporânea

Carlos Machado
Ana Catarina Costa
Ana Sofia Pereira da Silva

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
cmachado@arq.up.pt
accosta@arq.up.pt
aspsilva@arq.up.pt

Resumo

A Unidade Curricular História da Arquitectura Contemporânea, que integra o 3º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, divide-se em duas componentes: teórica e teórico-prática. O principal objectivo pedagógico da UC consiste no desenvolvimento de um conhecimento crítico da arquitectura contemporânea, o que implica uma atitude activa por parte dos alunos. Para isso, a UC está organizada de forma a que cada um dos alunos desenvolva diferentes competências complementares: rigor na observação e na análise das arquitecturas estudadas, relação com outras obras, do mesmo autor ou de outros, capacidade de síntese para formular/construir uma argumentação crítica sobre o(s) sentido(s) da obra, no seu tempo e fora do seu tempo. Neste sentido, o conhecimento do passado é apresentado como matéria disponível para a interpretação dos problemas do projecto de arquitectura de hoje e para a construção das respostas a estes mesmos problemas. Com os inquéritos aqui apresentados tentou-se esboçar uma perspectiva discente relativamente à pertinência e utilidade dos exercícios realizados durante o ano lectivo 2017-18. O objectivo era interpretar os resultados das várias estratégias pedagógicas aqui apresentadas e aferir o julgamento dos alunos relativamente a algumas alterações metodológicas que os docentes julgavam poder melhorar a qualidade dos resultados pedagógicos da UC História de Arquitectura Contemporânea.

Palavras-Chave: Arquitectura, História, FAUP.

1 O ensino da história por arquitectos

Na FAUP a história da arquitectura é ensinada maioritariamente por arquitectos porque se considera que a visão disciplinar, ou seja, o passado visto por aqueles que fazem, permite aproximar história e projecto (o que pressupõe distinguir a “história dos historiadores” da “história dos arquitectos”).

Os desenhos de Louis Kahn e de Fernando Távora (dois exemplos entre muitos possíveis) mostram essa relação operativa com a história: não são desenhos de um turista culto ou de um intelectual, mas de alguém que pratica o mesmo ofício, que pretende apoderar-se, como diz Giorgio Grassi, do segredo técnico do projecto, que olha para aprender a fazer

(Grassi, 2008, p. 301). Também a fotografia é usada por Le Corbusier na sua viagem ao Oriente com o mesmo objectivo: interrogar a arquitectura antiga procurando descobrir o segredo da sua construção.

Para promover esta relação operativa com o passado, a UC está organizada de forma a que cada um dos alunos desenvolva diferentes competências complementares: rigor na observação e na análise das arquitecturas estudadas, relação com outras obras, do mesmo autor ou de outros, capacidade de síntese para formular/construir uma argumentação crítica sobre o(s) sentido(s) da obra, no seu tempo e fora do seu tempo, julgando a importância da sua actualidade. Neste sentido, o conhecimento do passado é apresentado como matéria disponível para a interpretação dos problemas do projecto de arquitectura de hoje e para a construção das respostas a estes mesmos problemas. Os alunos, na sua generalidade, adquirem (ou melhor, desenvolvem, porque este processo inicia-se no primeiro ano) estas competências e utilizam-nas com uma qualidade que julgamos mais do que satisfatória.

2 Definição do período de estudo

A Idade Contemporânea é considerada como aquela que se inscreve no período que tem início no fim da arquitectura barroca e se prolonga até à actualidade.

O alargamento das fontes para além da Antiguidade Clássica (que deixou de estar subordinada ao domínio da arquitectura romana), a procura das origens como fundamento do conhecimento, a separação entre arquitectos e engenheiros, a organização da nova cidade industrial, a arte abstracta e a formação do movimento moderno, a posterior discussão dos seus fundamentos, etc., indiciam a pluralidade de motivos que se cruzam neste período.

É um período complexo que inclui o revivalismo (ou o eclectismo, segundo Luciano Patetta) com início na segunda metade do século XVIII e que se prolonga até ao fim do século XIX (com todas as suas variantes, inclusive aquela que procura na natureza a fonte de uma arquitectura que tende a recusar as ordens), a arquitectura abstracta do movimento moderno e toda a discussão que se lhe seguiu, incluindo aquilo a que se chamou pós-modernismo. (É por isso que fazemos sempre, como primeira aula, uma síntese da época em estudo, procurando mostrar como a arquitectura do século XX estabelece relações complexas, de ruptura, mas também de continuidade, com a arquitectura imediatamente precedente).

3 As duas componentes didácticas, teórica e teórico-prática, e os trabalhos realizados pelos alunos (teste, trabalho prático de grupo, caderno de campo e a sua complementaridade)

A Unidade Curricular divide-se em duas componentes: teórica e teórico-prática.

1) A componente teórica desenvolve-se em aulas semanais com duração de 90 minutos. As obras e as ideias do período contemporâneo, expostas diacronicamente, observam-se à luz das produções arquitectónicas dos períodos anteriores, dos problemas e circunstâncias da época e das ressonâncias provocadas em obras futuras. Procuram-se também as correspondências com a arquitectura portuguesa. Os documentos de apresentação gráfica das aulas são disponibilizados para consulta nos Documentos da UC. A avaliação desta componente lectiva é realizada em dois Testes de consulta com a duração de 120 minutos.

2) Na componente teórico-prática os alunos organizam-se em grupos de trabalho. Cada grupo elege, a partir de uma lista pré-definida, uma obra de arquitectura

contemporânea, necessariamente portuguesa, dada a necessidade de a visitar. Para a elaboração do Trabalho prático de Grupo propõe-se a observação, a análise e a problematização a partir da realidade material da arquitectura e da sua representação (os desenhos do projecto) procurando situar a obra segundo a circunstância do tempo, do lugar e do seu autor e também num mais amplo espectro do desenvolvimento civilizacional. O acompanhamento do desenvolvimento dos trabalhos é realizado quinzenalmente. A orientação tutorial instiga à participação, à discussão e à colaboração em grupo. São também sugeridos textos para leitura, escolhidos caso a caso, que permitem aprofundar o estudo das obras e relacioná-las com temáticas coincidentes ou complementares (têm aqui um papel central os textos escritos pelo autor da obra a estudar).

3) É ainda proposto aos alunos um trabalho de observação a partir da visita a outras obras de arquitectura portuguesa contemporânea. O resultado é sintetizado na elaboração de um caderno de campo onde organizam as imagens fotográficas recolhidas durante as visitas efectuadas ao longo do ano lectivo e apontamentos escritos, colagens, etc. que permitam documentar a construção de uma constelação problemática centrada na obra estudada. Realizado em função dos interesses de cada um dos alunos, este caderno permite ensaiar uma convergência entre as duas componentes lectivas, a teórica e a teórico-prática: pode documentar o trabalho de campo necessário para o Trabalho prático de Grupo, bem como um percurso mais largo pela arquitectura portuguesa com ele relacionado; pode ainda incluir referências a temas ou problemas formulados nas aulas teóricas.

Neste momento é um trabalho facultativo; começou por ser obrigatório, mas considerou-se que devia ser a resposta a uma necessidade pessoal. Tem sido prática habitual dedicar uma aula teórica a este trabalho no início do ano lectivo. Pomos a hipótese, como se verá mais à frente, de lhe dar um papel mais importante (talvez central) nas práticas pedagógicas da História da Arquitectura Contemporânea.

Só é possível obter uma classificação final positiva na Unidade Curricular de História da Arquitectura Contemporânea se o aluno realizar o Trabalho de Grupo e os dois Testes, obtendo uma classificação final positiva a cada um deles (mínimo 9,5 valores). No caso dos Testes é considerada a média aritmética dos dois Testes realizados. O Caderno de Campo só contará para melhoria da nota final da componente teórica segundo a fórmula de classificação final que se segue.

Fórmula da classificação final (CF):

$$\text{Classificação Final} = \frac{(\text{Teste 1} + \text{Teste 2}):2 + \text{Trabalho Grupo}}{2} + \text{Bonificação CC}$$

A bonificação do Caderno de Campo será de acordo com a seguinte regra:

10 valores = 0 de bonificação; 11 valores = 0,1 valores de bonificação; ... 20 valores = 1 valor de bonificação.

Se a diferença entre as classificações da média aritmética dos Testes e o Trabalho de Grupo for maior do que 4 valores, a classificação final será calculada com a seguinte ponderação:

$$\text{Classificação Final} = 0,7 (\text{Teste 1} + \text{Teste 2}):2 + 0,3 \text{ Trabalho Prático} + \text{Bonificação CC}$$

4 Objectivos pedagógicos

O objectivo pedagógico primeiro e mais geral, aquele do qual decorrem todos os outros, é o conhecimento crítico da arquitectura contemporânea, o que pressupõe que o aluno não deve ter uma atitude passiva, acumular informação, mas que a deve elaborar problematicamente a partir do debate contemporâneo; ou seja, o conhecimento do passado deve ser construído a partir dos problemas do presente, dos problemas do projecto de arquitectura, hoje. Isto implica uma história (ou uma visão do passado) que é simultaneamente diacrónica e sincrónica, que permite estabelecer relações verticais que rompem a diacronia, que atravessam o tempo: conceito exposto por Henri Focillon em *A Vida das Formas* quando fala das "famílias espirituais":

“Qualquer homem é, em primeiro lugar, o contemporâneo de si próprio e da sua geração, e é também o contemporâneo do grupo espiritual a que pertence. Mais ainda o é o artista, uma vez que esses antepassados e esses amigos são para ele uma presença, e não uma recordação. Estão presentes, mais vivos que nunca. Desta forma se explica particularmente o papel dos Museus no século XIX: foram eles que ajudaram as famílias espirituais a definirem-se e a ligarem-se, para lá do tempo, para lá dos lugares.” (Focillon, 1988, p. 83-84).

Os alunos devem desenvolver a capacidade de observar e interpretar uma obra arquitectónica, de analisar e reconhecer em obras e projectos de arquitectura estratégias de resolução de problemas de projecto, de expressão oral, escrita e imagética do pensamento arquitectónico. Em suma, pretende-se capacitar o aluno a investigar as obras e os seus procedimentos projectuais de modo a desenvolver um conhecimento crítico da arquitectura contemporânea. O trabalho de grupo deve ser polifacetado utilizando diferentes abordagens a uma obra de arquitectura: o trabalho sobre desenhos existentes (fotomontagem, colagem, etc.), a comparação com exemplos relacionados, a escrita de um texto com imagens complementares.

O desdobramento em duas componentes lectivas espelha a intenção de criar conhecimento e, sobretudo, desenvolver competências plurais que permitam ao aluno de arquitectura (o futuro arquitecto), perante um problema de projecto, encontrar diversas ferramentas que o assistam na sua resposta.

5 Inquérito pedagógico

Apesar de considerarmos os resultados pedagógicos obtidos satisfatórios (para não dizer bons), na última aula prática do ano lectivo 2017-18 distribuimos inquéritos aos alunos para recolher a perspectiva discente das práticas aqui apresentadas. A resposta aos inquéritos foi anónima.

Dos 166 alunos inscritos apenas 58 alunos responderam, o que permite, pelo menos, constatar uma certa apatia perante o apelo à participação.

Foram elaborados três conjuntos de perguntas: 1) relativas à componente teórica, 2) à componente teórico-prática e 3) à elaboração do Caderno de Campo. Foi pedido aos alunos a atribuição de um valor numérico (de 1 a 5) a cada um dos aspectos mencionados nas perguntas.

Relativamente à componente teórica, a avaliação dos testes é a mais baixa. Na componente teórico-prática, nenhuma das componentes é considerada particularmente negativa. O caderno de campo é considerado maioritariamente inútil, tal como a aula que lhe é dedicada. Exceptuando os itens sinalizados, a avaliação discente é genericamente positiva (os níveis “adequado”, “bastante adequado” e “muito adequado” alcançam no seu conjunto 80 a 90% das respostas). No entanto, considerando a baixa adesão da resposta discente (cerca de 1/3 dos alunos), as interpretações e generalizações a partir destes resultados são inseguras.

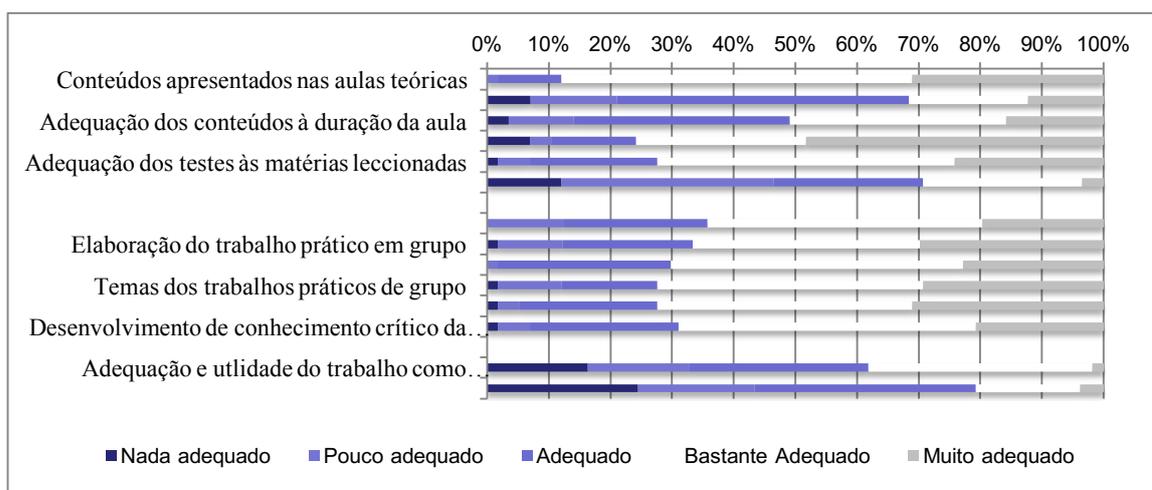


Figura 1: Respostas dos alunos ao inquérito relativamente às três componentes curriculares

Em resposta à pergunta: "Enumere, por favor, as competências desenvolvidas com os exercícios propostos ao longo do ano", as respostas valorizaram:

Relativamente ao Teste e aos documentos de apresentação gráfica das aulas: a capacidade de síntese; a apreensão e elaboração de um tema; a capacidade de articulação e crítica dos diferentes conteúdos leccionados; a ajuda na memorização das matérias leccionadas; a sensibilidade relativamente ao período em estudo e as circunstâncias da época; a capacidade de reunião de informações de diferentes fontes.

Relativamente ao Trabalho prático de Grupo: a procura de um problema, compreensão de um método e de uma época; o desenvolvimento de pensamento crítico; o trabalho em equipa, síntese e construção de um discurso completo; a capacidade de síntese e compreensão de informação conseguida por investigação; o uso da imagem como forma de comunicação; a aprendizagem do estudo da obra de arquitectura; um maior conhecimento sobre a arquitectura portuguesa contemporânea; o desenvolvimento de características como a comunicação e o espírito de entreatajuda.

Relativamente ao Caderno de Campo: a visita a obras de arquitectura e o desenvolvimento de uma visão crítica; a melhoria na forma de fotografar; o uso da fotografia como forma de interpretar a arquitectura; o entendimento da arquitectura na relação com o mundo; olhar para uma obra e perceber o contexto histórico onde se insere.

Perante a possibilidade de mudança nas diversas componentes da UC HAC, as respostas foram as seguintes:

Relativamente aos elementos de avaliação, e considerando a experiência do presente ano lectivo, assinale, por favor, a hipótese que lhe parece mais adequada para uma reformulação da UC:	
1 - Teste + trabalho prático de grupo + caderno de campo opcional;	33
2 - Trabalho prático de grupo + caderno de estudo e de campo individual obrigatório;	18
3 - Trabalho prático individual + caderno de campo obrigatório.	6

Figura 2: Respostas dos alunos ao inquérito, face à possibilidade de mudança na avaliação da UC

6 Observações finais

Em resumo, a componente teórica desenvolve-se em aulas semanais onde a exposição diacrónica de uma selecção de obras e autores importantes do período contemporâneo se observa à luz das produções arquitectónicas dos períodos anteriores, dos problemas e circunstâncias da época e das ressonâncias provocadas em obras futuras. Na componente teórico-prática os alunos organizam-se em grupos de trabalho para estudar uma obra de arquitectura portuguesa contemporânea. Para a elaboração do trabalho, propõe-se a observação, a análise e a problematização a partir da realidade material da arquitectura e do seu processo, procurando situá-la na circunstância do tempo, do lugar e do seu autor e no amplo espectro do desenvolvimento civilizacional. Propõe-se ainda a elaboração de um Caderno de Campo que permite, a partir da experiência e investigação individual, ensaiar uma convergência entre as duas componentes lectivas (este trabalho é facultativo). Pretende-se que, ao longo do ano, os alunos consigam, individualmente e entre pares, adquirir conhecimentos através da transmissão e da procura, do questionamento e da colocação de hipóteses, a partir da observação e da proposição.

Perante a organização da UC e dos objectivos pedagógicos nela implícitos, a nossa maior perplexidade perante os resultados dos inquéritos respondidos pelos alunos tem a ver com as respostas relacionadas com o teste. Apesar de ser de consulta (não obriga a decorar), consideramos a sua eficácia pedagógica reduzida: é difícil de corrigir (não há certo e errado, não há preto e branco, é tudo em tons de cinzento, o que provavelmente explica a incompreensão dos alunos), é, mesmo assim, um campo fértil para vigarices variadas, etc. Pusemos a hipótese de o substituir por um Caderno (de Campo e não só) onde os alunos recolheriam, além dos registos das visitas às obras, os apontamentos das aulas teóricas, leituras complementares, notícias das discussões nas aulas tutoriais, etc., mas a reacção dos estudantes foi surpreendentemente negativa. Uma das melhores alunas deu-nos uma resposta que vale por todas "O teste é um mal necessário...".

Perante esta constatação identifica-se um desajuste entre as leituras docente e discente do que poderá ser mais indicado para o processo de aprendizagem dos alunos. Os docentes não vêem, no presente momento, uma grande utilidade na realização dos testes, considerando preferível reforçar o papel (e a respectiva ponderação na avaliação final) do Caderno e do Trabalho prático de Grupo na aprendizagem colectiva e individual do aluno. A justificação, apresentada pelos alunos por escrito nos inquéritos, aponta a obrigação de estudar implicada na realização do teste – obrigação que, de outra forma, não seria sentida. Esta resposta discente causa preocupação ao corpo docente, já que espelha uma abordagem burocrática da aprendizagem. Em geral, verifica-se que é apenas perante um momento de avaliação que o aluno se concentra na matéria trabalhada na componente teórica da Unidade Curricular. A resposta que os alunos dão quando questionados perante esta situação é de concordância, justificada pelo facto de estarem sujeitos a inúmeros momentos de avaliação das diversas Unidades Curriculares nas quais estão inscritos. Eco de que damos notícia mas que não foi objecto de estudo, nem confirmado nos inquéritos pedagógicos, podendo, no entanto, constituir-se como linha de investigação futura.

Se a avaliação move a aprendizagem não pode, neste momento, ser colocada em causa. No entanto, consideramos necessário desenvolver outras estratégias pedagógicas e de avaliação que contrariem a resposta discente burocrática e que incutam e potenciem nos alunos a vontade de aprender, desenvolvendo estratégias que lhes permitam continuar a aprender sozinhos ao longo da vida.

7 Referências

Focillon, Henri (1988). A vida das formas: seguido de elogio da mão. Lisboa: Ed. 70. (Vie des formes, 1ª ed. 1934).

Grassi, Giorgio. (2000). Un parere sulla scuola e sulle condizioni del nostro lavoro (1989). Scritti scelti, 1965-1999. Milão: FrancoAngeli.

Patetta, Luciano (1991). L'architettura dell'ecllettismo: fonti, teorie, modelli: 1750-1900. Milão: CittàStudi.